

EPISTEMOLOGIA, EDUCAÇÃO POPULAR E ESCOLA:

IM-POSSIBILIDADES ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA PERSPECTIVA DE EDUCADORES

Hanna Tamires Gomes Corrêa Leão Teixeira¹
hannatamiresleao@gmail.com

Ivanilde Apolucendo de Oliveira²
nildeapoluceno@uol.com.br
Núcleo de Educação Popular Paulo Freire
NEP
Universidade do Estado do Pará
UEPA

Resumo

O trabalho situado em um contexto brasileiro de tentativas do governo em expurgar o pensamento de Paulo Freire tem como questão problema: há a possibilidade de aprender com a educação popular em escola pública sobre educação transformadora, a partir da relação entre teoria e prática? Diante disso, a pesquisa tem por objetivo analisar a possibilidade ou não de haver uma prática educativa escolar relacionada com a teoria, a partir da experiência de educadores populares. Os principais referenciais teóricos presentes no trabalho são Oliveira (2016), por discutir sobre epistemologia e educação; além de Freire (2015) por sua proposta de educação popular e de sociedade; Gramsci (1991) por sua aposta na escola enquanto ponto de contradição, entre outros autores. A pesquisa realiza-se por meio de abordagem qualitativa, levantamento bibliográfico, entrevista e análise de conteúdo ao utilizar as categorias temáticas (Oliveira; Mota Neto, 2011). Os principais resultados são referentes às possibilidades apresentadas pelos educadores populares entrevistados de práxis transformadoras da realidade por meio da educação em escola. As conclusões apontam a importância da perspectiva dialética na relação entre teoria e prática, sem sobrepor uma a outra e sem essencializar teorias, mas sempre a partir da prática problematizar e reinventar pensamentos.

Palavras-chave: educação popular escolar; epistemologia e educação; práxis.

Epistemology, popular education and school: im-possibilities between theory and practice in the perspective of educators

Abstract

The work located in a Brazilian context of government attempts to purge the thinking of Paulo Freire has as a problem question: is there the possibility of learning from popular education in public schools about transformative education, based on the relation between theory and practice? Therefore, the research aims to analyze the possibility or not of a school educational practice related to theory, based on the experience of popular educators. The main theoretical references present in the paper are Oliveira (2016), for discussing epistemology and education; besides Freire (2015) for his proposal of popular education and society; Gramsci (1991) for his bet on the school as a point of contradiction, among other authors. The research is carried out through a qualitative approach, bibliographical survey, interview and content analysis using the thematic categories (Oliveira; Mota Neto, 2011). The main results are related to the possibilities presented by popular educators interviewed of transformative praxis of reality through school education. The conclusions point out the importance of the dialectical perspective in the relation between theory and practice, without overlapping one another and without essentializing theories, but always from the problematic practice and reinventing thoughts.

Keywords: popular school education; epistemology and education; praxis

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

² Doutora em Educação, coordenadora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.

Introdução

Este artigo intitulado “Epistemologia, educação popular e escola: im-possibilidades entre teoria e prática na perspectiva de educadores” se efetiva a partir da problemática que surgiu no decorrer das discussões da disciplina Epistemologia e Educação, no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED/UEPA), referentes às dificuldades dos discentes da disciplina em perceber as teorias estudadas nas disciplinas aplicadas nas salas de aula. Juntamente a essas inquietações foram levantados relatos de educadores, inclusive de professores da disciplina, que afirmam a possibilidade de uma práxis, de articulação entre teoria e prática visando uma mudança e transformação social.

Assim, a questão que norteia essa discussão é: como se efetiva na vivência de educadores populares em escolas públicas a relação teoria e prática? Para atender a esse problema, o objetivo deste trabalho é analisar a possibilidade ou não de haver uma prática educativa escolar relacionada com a teoria.

A pesquisa realiza-se por meio de abordagem qualitativa, cujos procedimentos metodológicos são: levantamento bibliográfico de autores que abordam a educação como transformação, a práxis e a escola enquanto espaço de formação ou deformação e a entrevista de tipo semiestruturada. O instrumento de análise é a de conteúdo ao utilizar a categorização temática (Oliveira & Mota Neto, 2011) e o enfoque o crítico dialético, por trabalhar com conflitos, contradições e totalidades presentes na realidade.

O *locus* se refere a um núcleo de educação popular na Amazônia paraense. Os sujeitos foram dez educadores populares que atuam em escolas públicas, cinco em um grupo de educação especial e cinco que atuam em um grupo de filosofia com crianças, os quais foram denominados por meio de nomes fictícios que se relacionam com os títulos das obras de Freire.

Diante disso, a discussão que compõe esse artigo aborda a relação entre epistemologia e educação, situa a educação popular na epistemologia emergente, apresenta o argumento/contra-argumento da impossibilidade/possibilidade de uma educação transformadora e, por fim, são apresentadas algumas recomendações referentes ao aprender com o chão da escola.

Epistemologia e educações

A epistemologia em relação à educação aponta que existiram e existem diversas propostas de educações. Em primeiro lugar, cabe destacar a compreensão de epistemologia, a qual conforme Oliveira (2016) “é um ramo da filosofia que estuda o conhecimento científico” (p.17), ou seja, estuda saberes, conhecimentos e ciências. A epistemologia, ainda de acordo com a autora, teve sua história marcada por racionalidades científicas dominantes, mas além dessas epistemologias há uma racionalidade científica emergente, que parte das gentes e de suas diversidades.

Outra categoria que dá suporte a este texto é a categoria de educação/educações de Brandão (2007). Para o autor não existe exclusivamente *uma* educação, visto que diferentes nações e culturas possuem concepções diferentes de mundo, a incluir a concepção e forma de educar. Além disso, a educação expressa cultura e modo de vida de cada grupo, pois é uma fração dos seus cotidianos.

A educação é algo que se faz presente em todos os seres humanos, pois, a continuar em consonância com Brandão (2002), somos seres aprendentes, a aprendizagem representa quase tudo que o homem e a mulher precisam saber para viver, diferentemente dos animais, que aprendem o necessário para viver nos seus primeiros anos de vida.

Por meio do recorte filosófico e histórico sobre epistemologia e educação, discutido por Oliveira (2016) percebemos que diversas noções de educação já foram traçadas. Na Racionalidade clássica, na Grécia antiga, a educação era vinculada a uma divisão social de classes e relação social de poder, possuía uma tendência mística intelectualista, voltada para contemplar, não para transformar, seus principais representantes são: Sócrates, Platão e Aristóteles.

Ainda conforme a autora, no período medieval há a Racionalidade teológica, período no qual houve monopólio do saber por parte da igreja, as ciências e a educação estavam a serviço da religião, tendo como principais nomes os de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino.

Na Racionalidade moderna a subjetividade se apresenta como referência epistemológica do pensamento moderno, assim, neste momento a verdade está na reflexão e consciência da reflexão. Possui base em Descartes, perpassa por Kant e culmina em Hegel. Porém, também é discutida e vivenciada por outros autores, como Marx e Gramsci, que trazem a abordagem materialista histórico-dialética. Na Racionalidade Moderna há a presença também do positivismo de Comte, que explica existir uma regularidade nos fenômenos pesquisados, caracterizando-se a ciência como objetiva e processo metodológico de experimentação.

A Racionalidade científica emergente crítica a modernidade ao apontar que o modelo de educação tradicional da modernidade não cabe mais na atualidade, nessa sociedade de comunicação, relação e interação de saberes. Assim, ainda de acordo com a autora, esse paradigma emergente possui além da dimensão científica a dimensão social.

Com isso, é possível notar que as perspectivas de educação estão relacionadas aos seus momentos históricos, ou seja, durante a história da humanidade não houve uma educação, mas educações. As quais foram sendo modificadas por sujeitos.

Educações transformadoras e educação popular

Dentre as propostas de educações encontram-se no paradigma emergente propostas críticas e transformadoras que constituem a educação popular freireana e apresentam contribuições a mesma inclusive no âmbito da educação escolar.

Oliveira (2006) apresenta algumas tendências pedagógicas transformadoras, sendo uma delas a Pedagogia humanista libertadora, que é uma perspectiva de Educação popular. Essa pedagogia “apresenta-se como uma pedagogia humanista, problematizadora, libertadora, dialógica, da pergunta, da autonomia, da esperança, da indignação, dos sonhos possíveis e da tolerância” (Oliveira, 2006, p. 118). Uma perspectiva de educação que compreende os seres como inconclusos, como seres de relações, seres capazes de compreender, problematizar e modificar a realidade.

A Educação popular de Paulo Freire se relaciona com outras teorias emergentes: Interculturalidade e decolonialidade.

Quanto a Interculturalidade, Oliveira (2015) salienta que Freire está na gênese da interculturalidade no Brasil, devido seu fundamento nos movimentos sociais, a relação entre educação e cultura, a importância do diálogo, o empoderamento dos sujeitos, a reflexão sobre processos de humanização e desumanização, o reconhecimento da pluralidade de formas de conhecimento e importância das relações de hibridação de culturas.

Além disso, o pensamento de Paulo Freire, conforme Mota Neto (2015, p. 147), também, apresenta características que contribuem ao pensamento decolonial, pois o Freire professou e vivenciou o diálogo e a relação de respeito com povos e culturas diferentes, sem nunca os hierarquizar:

a concepção decolonial está presente em toda a sua obra, nas questões e temáticas político pedagógicas que analisou, nas categorias utilizadas, nas suas fontes teórica, na proposta educacional que vivenciou e defendeu e no seu horizonte utópico.

Cabe destacar que a perspectiva de educação popular abordada neste artigo é a perspectiva humanista libertadora de Paulo Freire, pois a educação popular de maneira geral ocorre desde a Grécia Antiga e no Brasil também já teve outras perspectivas, como a Integracionista e a nacional populista (Wanderley, 1994).

Ao relacionar a educação popular freireana com a escola é interessante frisar que Paulo Freire deu início de sua carreira como professor em escola secundária, no fim da sua vida se envolveu com gestão educacional, foi um defensor da escola pública, da escola da maioria, da escola das periferias, da escola dos cidadãos que só podem contar com ela. Assim, a escola, para Freire (2015) é um espaço de relações entre os

saberes científicos e da cultura popular, um espaço de organização popular e de luta ético-política contra hegemônica.

Im-possibilidades de articulação teoria e prática na escola

Durante as discussões sobre as epistemologias críticas e transformadoras de educação é corriqueiro o surgimento da dúvida sobre a aplicabilidade de tais teorias à prática escolar, a afirmativa “na teoria tudo é lindo, mas na prática não é possível”. Trata-se de uma afirmativa presente nas salas de aula ou nos espaços de discussão sobre educação. Dentre os sujeitos desta pesquisa 80% já ouviram essa afirmativa, como descreve uma das entrevistas:

Já ouvi essa afirmativa de muitos professores, de inúmeras áreas e em várias ocasiões diferentes. Geralmente, os professores que me afirmam isso são professores que trabalham há muitos anos no cenário educacional, no campo da educação básica. (Educadora Autonomia, Relatório de 2018).

Além de já terem ouvido ou não essas afirmativas os/as educadores/as deram seus posicionamentos a respeito da mesma. 1 concorda, 3 discordam e 6 concordam e discordam parcialmente, como está disposto no gráfico 1 a seguir.

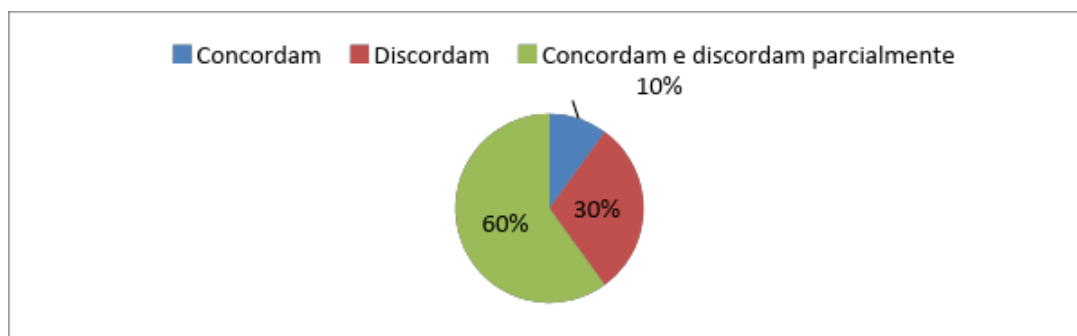


Figura 1. Teoria crítica é diferente de prática. Elaboração própria.

Impossibilidade de articulação entre teoria e prática que possibilite a transformação social.

As afirmações de que não é possível acreditar na escola como transformadora social tanto no levantamento bibliográfico quanto nas entrevistas apontam quatro principais argumentos e/ou motivos: a) comodismo, o que apareceu com maior frequência nas falas; b) a escola como aparelho ideológico do Estado; c) a concretude da escola e d) a formação de professores.

a) Comodismo

Os educadores apontaram que um dos motivos para existir distanciamento entre teoria e prática é o comodismo na pedagogia tradicional, é a facilidade em somente reproduzir conhecimento sem a necessidade de criá-lo, tal como o discorrido por Paulo Freire (2015) na educação bancária, que é uma narração alienada e alienante, de acordo com uma das entrevistadas:

Acho que muitos educadores criticam a forma tradicional, mas acabam se "rendendo" e acabam fazendo a mesma prática. Fora que só citam frases do Paulo Freire e acham que são educadores populares, sem refletir sua práxis. (Educadora Consciência, 2018)

b) A escola como aparelho ideológico do Estado

Essa foi uma resposta quase comum a todos os/as educadores/as entrevistados. Afirmaram que uma das situações que fazem com que a escola enquanto transformação seja impossível é devido sua ligação ao Estado, concordando com Althusser (1983) a compreensão de que: “o aparelho ideológico dominante nas formações capitalistas maduras, após uma violenta luta de classe política e ideológica [...] é o aparelho ideológico escolar” (p. 76-77).

Os/as educadores/as entrevistados/as afirmam que as atuações dos professores por vezes são limitadas de acordo com o imposto pelo sistema social e seus interesses econômicos.

c) A concretude da escola

A concretude da escola é apresentada como um elemento que causa grande distanciamento entre teoria e prática, uma atuação limitada pelas estruturas físicas das escolas, pelas fomes e sedes dos educandos, pelas suas realidades de violências e pobreza. Além da realidade dos professores, com cargas horárias sobre humanas as quais lhe impossibilitam de planejar, de analisar suas práticas e de se desenvolver enquanto pesquisador.

d) A formação de professores

A formação de professores foi apontada por uma educadora como um dos motivos de impossibilidade de articulação entre teoria e prática para a transformação, em suas palavras:

Um ponto que destaco é a própria formação dos professores, bem como as dificuldades que são enfrentadas sobre a questão do ensino. Acho que a nossa educação não é transformadora e nem crítica porque nem a formação dos professores, muitas vezes, o é. (Educadora Autonomia, 2018).

Possibilidade de articulação entre teoria e prática com vistas a transformação social

Brandão (2007) explica que ainda se acredita na educação pelo fato de existir esperança na educação, pois a educação é algo inevitável nas sociedades. Ressalta que existe o fato de a educação ter mais de um “lado”, um desses lados é de resistência e transformador, além da ideia de reinventar a educação, pois esta ideia traz embutida a verdade de que assim como foram homens e mulheres que criaram a educação, eles/as também são capazes de transformá-la.

Apontamos que uma forma de transformar a educação e a sociedade está no fato de que não existe uma educação, mas *educações*, ou seja, conforme cada cenário social possui *outros* sujeitos, que exigem e criam *outras pedagogias*. Os *outros* sujeitos e as *outras pedagogias* são categorias traçadas por Arroyo (2012), que versam a respeito de diferentes sujeitos, vistos como minoria, como oprimidos e excluídos, que, todavia, são simplesmente outros e possuem diferentes saberes e diferentes educações.

Para Arroyo (2012) as pedagogias escolares são em demasia fechadas e definem critérios de validação e hierarquização de saberes e de seres. Porém, esses *outros* sujeitos resistem ao silenciamento que sofrem; contestam, por meio da afirmação dos seus conhecimentos, culturas, identidades e memórias, o pensamento que os inferioriza e solicitam e criam outras pedagogias.

Essas *outras pedagogias* ocorrem quando os sujeitos deslocam o foco da participação para a luta, pois mostram que a verdadeira divisão social é entre conscientes/inconscientes, politizados/despolitizados.

Compreendemos que a Educação Popular é um exemplo desse reinventar a educação, pois a partir dos seus outros sujeitos são criadas *outras pedagogias*, *outras* formas de ensinar e aprender, assim, ampliando o pedagógico.

80% dos educadores populares entrevistados afirmaram que acreditam que a conciliação entre teoria e prática é possível, afirmaram que percebem a realidade sendo transformada por meio de suas práticas. Esta afirmação de que é possível acreditar na escola como transformadora perpassa pela natureza do ser, que conforme Freire (2015) é a incompletude, é impulso ontológico, a esperança no *ser mais*.

Assim, educações são formas de partirem do que são para o que querem ser. Essa perspectiva que é tão cara ao pensamento de Paulo Freire foi a perspectiva vista na maioria das falas dos/as educadores/as entrevistados/as, como podemos ver a seguir.

Mediante a prática educativa desenvolvida pelo grupo de extensão que participo, alcançou-se resultados pertinentes no desenvolvimento educacional e social dos sujeitos, partir do envolvimento dos educandos no trabalho, foi possível construir um processo de alfabetização em que os mesmos pudessem ser os verdadeiros atores do processo. (Educador Indignação, 2018).

Através do diálogo e da problematização, ao levar para dentro da escola questões no qual fazem parte do cotidiano dos alunos, o professor\educador em sala de aula instiga e estimula uma a reflexão e a consciência política dos educandos para que os mesmos possam atuar e transformar a sua realidade (Educador Sonhos Possíveis, 2018).

Mesmo com a esperança abalada existem coisas que mostram ser possível sim que educação crítica e transformadora alcance os educandos. É que tudo isso é possível porque todo educando tem a vontade de mudar coisas ao seu redor e a capacidade natural para questionar e buscar tudo que sente como errado ou ruim. (Educadora Liberdade, 2018).

Reconhece a pluralidade e diferenças entre os educandos e partir deles e do contexto social em que se encontram, elabora seu plano de aula, onde é possível, através de problematizações feitas COM eles, chegar a um pensamento crítico e de transformação. (Educador Esperança, 2018).

Freire em diversas obras elucida a práxis e sua essencialidade à educação, visto que práxis é a reflexão-ação, que envolve a autonomia. A docência, é conforme Rossato (2017), “a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora” (p.325).

Gramsci (1991) também contribui à essa esperança na escola como transformadora, ao apontar que a sociedade é orgânica, cada parte se relaciona com o todo devido à unidade orgânica entre indivíduo, seres humanos e natureza. Assim, ao modificar a si o ser humano modifica também ao mundo, ao modificar a escola, modifica a sociedade. A escola pode ser forma de contra- ideologia e estratégia de transformação social.

Quanto a essa organicidade uma educadora afirmou que a transformação:

é mais uma questão de acreditar no poder que cada um tem- o professor e o aluno, a escola e a comunidade, órgãos educacionais e o próprio governo gerenciador dessa estrutura, chamada educação humana pública. (Educadora Mudança, 2018).

A compreensão da Educadora Mudança é uma compreensão orgânica, que salienta a necessidade de articulação de todos os sujeitos e esferas em prol de uma educação humana e humanizadora. Diante disso, apontamos que a possibilidade de articulação entre teoria e prática é real e se dá com vistas à transformação social.

“Na teoria tudo é belo, mas na prática pode ser mais belo ainda”³

Consideramos que por meio da práxis, ação-teoria-ação, pode-se modificar a prática visando melhorá-la. Apontamos a necessidade de aprender com o conhecimento já produzido e sistematizado, mas sempre com a necessidade de não os dogmatizar e de aprender com os sujeitos mediatizados pelo mundo (Freire, 2015) os quais atuamos.

³ Fala da educadora Autonomia, uma das entrevistas na presente pesquisa.

Já ouvi muito essa frase de que teoria e prática são coisas completamente diferentes. Não vejo isso de modo puramente negativo, até porque estamos lidando com pessoas. Encaro isso da mesma forma que a sociologia, isto é, concebendo os seres humanos e o meio social como algo que está em constante mudança, plural, volúvel, etc. E para mim, é aqui que o núcleo de educação popular no qual atuo acaba desempenhando a sua maior função. O núcleo reconhece a pluralidade e diferenças entre os educandos e a partir deles e do contexto social em que se encontram, elabora seu plano de aula, onde é possível, através de problematizações feitas COM eles, chegar a um pensamento crítico e de transformação. Não consigo conceber teorias que sejam universais e imutáveis. Principalmente quando se trata de pessoas. Se não houver uma releitura ou uma adaptação dela (a teoria), será um ato estéril. (Educador Esperança, 2018).

Além de não dogmatizar teorias de futuros melhores também é importante não ser dominado pela desesperança, visto que a esperança em Freire é uma “necessidade ontológica”, além de “imperativo excepcional e histórico”, não é uma espera, mas é fazer algo em prol do futuro almejado, percebendo a dialeticidade entre agora e futuro e entre teoria e prática.

Considerações finais

Estas considerações finais têm o intuito de não finalizar esta discussão, tem o intuito de atentar para a beleza da complexidade e das possibilidades apresentadas pela epistemologia e pelo chão da escola.

Consideramos que na relação epistemologia e educação há muito o que aprender e ensinar por meio da educação popular, além disso, salientamos necessidade de aprender com a educação popular libertadora freireana para modificar as práticas escolares e a realidade.

Diante das falas sobre impossibilidade de uma educação que articule teoria e prática para a transformação, aviamos que o comodismo nas práticas tradicionais deve ser modificado por meio de políticas que possibilitem o educador ter tempo de qualidade em sala de aula, em planejamento e em pesquisa.

Quanto a crença total da escola como aparelho ideológico do Estado é importante ter em mente que, para além, disso o chão da escola é constituído por homens e mulheres que são capazes de propor outra educação.

No que tange a concretude da realidade física de descaso na escola, da realidade de fome, sede, violência e pobreza dos educandos esses aspectos deveriam ser usados como impulsionadores de problematização e transformação social, por meio da inquietação e esperança em uma sociedade mais justa.

Assim, não prezamos por uma teoria que se realize na prática, mas por uma prática que crie teoria, uma teoria que problematize a prática, e uma prática que reinvente a teoria, como um ciclo infinito em busca do ser mais.

Na história da educação brasileira identifica-se o confronto entre as duas concepções de educação: a que vê a impossibilidade de a escola ser transformadora social, reproduzindo os valores e interesses da classe dominante e a que fundamenta ser a escola uma das bases de transformação social, chamando atenção para a questão política da educação, como a educação gramsciana. Assim, no contexto atual, o discurso da escola sem partido, sem ideologia, fortemente marcada por valores religiosos, contrapõe-se a teoria da escola como transformadora social, com vistas a manter o *status quo* e a educação reprodutivista e a-crítica.

Referências

- Althusser, L.** (1983). *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Arroyo, M.** (2012). *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brandão, C.** (2007). *O Que é Educação?* São Paulo, SP: Brasiliense.
- Brandão, C.** (2002). *A Educação Como Cultura*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Freire, P.** (2015). *Pedagogia do Oprimido* (59a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Gramsci, A.**(1991). *Os intelectuais e a organização da cultura* (8a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Mota Neto, J. C.** (2015). *Educação Popular e Pensamento Decolonial LatinoAmericano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. . (tese de doutorado). Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.
- Oliveira, I. A.** (2016). *Epistemologia e Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Oliveira, I. A.** (2015). *Paulo Freire: gênese da Interculturalidade no Brasil*. Curitiba, PR: Vozes.
- Oliveira, I. A. & Mota Neto, J. C.** (2011). A construção de categorias de análise na pesquisa em educação. In: Marcondes, M; Oliveira, I; Teixeira, E. *Abordagens Teóricas e Construções metodológicas na Pesquisa em Educação*. Belém, PA: EDUEPA.
- Oliveira, I. A. & Mota Neto, J. C.** (2006). *Filosofia da Educação: reflexões e debates*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rossato, R.** (2017). Praxis. In: Streck, D. *Dicionário Paulo Freire* (3a ed.). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Wanderley, L. E.**(1994). Formas e orientações da educação popular na América Latina. In: Gadotti, M. & Torres, C. A. (Orgs.). *Educação Popular: Utopia Latino-Americana*. São Paulo, SP: Cortez; EDUSP.